

A REPUTAÇÃO DOS CRETENSES: A CONSTRUÇÃO DE UM ESTEREÓTIPO GRECO-ROMANO

*Milton L. Torres**

Um estereótipo cultural é uma figura mental padronizada que é mantida em comum pelos membros de um grupo. Geralmente essa figura representa uma opinião simplificada por causa de uma atitude preconceituosa ou um juízo de valor pouco crítico. Em nossa cultura, exemplos comuns de estereótipo incluem posturas como “homem que é homem não chora”, “mineiro gosta de queijo”, etc.

Nenhuma sociedade conhecida parece ter sido totalmente imune à existência desses estereótipos culturais. Isto é, a construção de estereótipos parece ser uma característica da humanidade. O mundo greco-romano do princípio da era cristã tampouco é uma exceção com respeito a esse particular. Dentre os estereótipos que ali se desenvolveram encontra-se a opinião generalizada, naquela época, de que os cretenses eram especialmente dados à mentira e à trapaça, bem como aversos ao trabalho.

O estereótipo do cretense mentiroso, glutão e preguiçoso parece ter sido construído nos séculos que antecederam o nascimento de Cristo e se desenvolvido nos primeiros séculos da era cristã. As referências, na literatura desse período, são esparsas, mas significativas.

São Paulo admoesta Tito, seu “verdadeiro filho, segundo a fé comum” (Tit. 1:4), a um tratamento enérgico dos cretenses. Tito havia sido deixado pelo apóstolo em Creta a fim de que pusesse “em ordem as coisas restantes” e constituísse presbíteros, conforme prescrito (1:5).

A missão de Tito era tão mais difícil à medida em que este constatava a presença de “muitos insubordinados, palradores frívolos, e enganadores” (1:10) naquela ilha. Paulo recomenda que é necessário “fazê-los calar” (1:11). E, então, faz uma declaração contundente acerca dos cretenses: “Foi mesmo dentre eles, um seu profeta que disse: ‘Cretenses, sempre mentirosos, feras terríveis, ventres preguiçosos.’ Tal testemunho é exato. Portanto, repreende-os severamente, para que sejam sadios na fé, e não se ocupem com fábulas judaicas, nem com mandamentos de homens desviados da verdade” (1:12-13).

O profeta a quem se refere Paulo é Epimênides (conforme referências em Cícero e Apuleio), nascido em Creta, na cidade de Cnossos.¹ O formato da citação,

* Milton L. Torres é doutorando em línguas clássicas.

¹ É possível que tenha sido este mesmo Epimênides quem primeiramente sugeriu aos gregos a construção de estátuas ao “deus desconhecido” (cf. At 17:23).

contudo, é um verso em hexâmetro, escrito por Calímaco, na primeira parte de seu *Hino a Zeus*.² Esse poeta helenístico, natural de Cirene, viveu na época de Ptolomeu Filadelfo, que reinou entre 284 e 247 a.C.³ Seu famoso *Hino a Zeus* encabeça uma série de hinos dedicados aos deuses gregos e começa suscitando uma dúvida:

- 1 Nas libações a Zeus, a quem se deve louvar,
- 2 senão o próprio Deus, sempre grande, sempre Senhor,
- 3 Destruidor dos pelagônios, juiz dos seres celestiais?⁴

Essa primeira pergunta é meramente retórica e simplesmente enfatiza o tema do hino.⁵ Contudo, seu tom interrogativo serve para estabelecer um clima de dúvida que é reforçado por uma nova indagação, que vem logo a seguir:

- 4 Como o hemos de cantar: nascido no Dicte ou no Liceu?
- 5 Minha alma jaz em dúvida terrível, pois seu nascimento é contestado!

Essa dúvida acerca da origem de um deus ou seu título cültico é um lugar-comum nos hinos gregos do período helenístico. O verso 5 é uma citação exata de Antágoras, em seu *Hino a Eros*.⁶ O Dicte é uma montanha em Creta e o Liceu, um monte na Arcádia, a região de inspiração dos poetas bucólicos. A questão, portanto, é: onde nasceu Zeus, em Creta ou na Arcádia? Essa indagação aparece de forma mais elaborada nos versos seguintes:

- 6 Ó Zeus, alguns dizem que nasceste nas colinas de Ida [em Creta],
- 7 outros, ó Zeus, que nasceste na Arcádia. Quem, ó pai, está mentindo?
- 8 Cretenses, sempre mentirosos, com efeito um túmulo para ti,
- 9 ó Senhor, fabricaram os cretenses; mas tu não morreste, pois és para sempre!

² Ao contrário do Antigo Testamento no qual se incluem vários livros poéticos (Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cantares, etc.), o Novo Testamento não contém um único livro poético sequer. Contudo, a poesia se faz presente ali através das citações de poetas gregos (unicamente em Atos e nas Epístolas Paulinas), do uso de passagens poéticas do Antigo Testamento, do uso de material poético de fonte desconhecida (como, por exemplo, 1 Tm 3:16; 2 Tm 2:11-13; Ef 5:14; Fl 2:5-11), de imagens apocalípticas e hinos judaicos (Lc 1:14-17, 32, 33, 35, 46-48, 68-79; 2:14, 29-32, 34-35, etc.). Cf. Frank E. Gaebelien, "New Testament Poetry", *Bibliotheca Sacra*, v. 129, n. 515 (1972), 247-249.

³ Calímaco se dizia descendente de Bato, o fundador de Cirene, conforme afirmativa de Estrabo xvii.837: "diz-se que Cirene foi uma fundação de Bato; e o próprio Calímaco alega ser este um de seus ancestrais."

⁴ Tradução nossa, a partir do grego.

⁵ Hopkinson lembra-nos que "a primeira palavra deste primeiro hino confirma a primazia de seu tema; mas o que são essas spondai [libações] em que o louvamos? A sentença de abertura, superficialmente tão certa em sua proclamação de onipotência, suscita na mente do leitor uma dúvida que o resto do poema não esclarecerá." Neil Hopkinson, "Callimachus' Hymn to Zeus." *Classical Quarterly* 34 (1984), 139.

⁶ *Ibid.*, 140.

Mair & Mair aludem a um relato de Atenodoro da Erétria para explicar a razão por que os cretenses adquiriram a reputação de mentirosos: Tétis e Medéia, em uma disputa acerca de quem era a mais bela, confiaram a decisão a Idomeneu de Creta. Este decidiu em favor de Tétis, ao que Medéia teria redarguido que os cretenses são sempre mentirosos e os teria amaldiçoado a nunca mais dizerem a verdade.⁷ Para comprovar o efeito veraz do feitiço, um escoliasta, nessa passagem, acresce a informação de que Idomeneu, ao participar da divisão dos espólios obtidos na Guerra de Tróia, teria feito a divisão de maneira desonesta.

Serem os cretenses chamados de “feras terríveis” talvez se explique pela presença, em Creta, da lenda do minotauro, um monstro fabuloso que combinava as formas de um homem e de um touro, supostamente confinado no labirinto construído por Dédalo para Mínos (a quem moças e rapazes eram entregues periodicamente como alimento, até ser o monstro morto por Teseu). A verdade é que a reputação de que os cretenses eram homens desordenados espalhou-se pela Antigüidade. Sheila L. Ager fez um levantamento das referências de Políbio a esse estereótipo :

Os cretenses são irresistíveis, tanto na terra quanto no mar, no que se refere a embustes, à pirataria e aos artifícios da guerra, aos ataques noturnos e a todas as empresas realizadas com fraude; mas no que se refere a combate cara-a-cara, quando as falanges estão lutando em igualdade de termos, eles são vis e acovardados... O dinheiro é honrado entre eles a tal extremo que a aquisição dele não é apenas considerada necessária bem como de muita honra. De modo geral, a prática de uma cobiça e ambição miseráveis é tão em moda ali que os cretenses são os únicos homens para quem a ausência de lucro é vergonhosa. Por causa dessa cobiça congênita, eles se envolvem em constantes insurreições, particulares e públicas, e em assassinios e guerras... De fato, não se encontram costumes particulares mais traiçoeiros nem empresas públicas mais injustas (com poucas exceções) do que aquelas entre os cretenses... [No ano 181 aC] grandes dificuldades começaram em Creta, se é que se pode falar de “início” de problemas em Creta. Pois, por causa da incessante natureza de suas guerras civis e a excessiva selvageria de seu tratamento uns para com os outros, “princípio” e “fim” são uma só e a mesma coisa em Creta, e o que parece ser um dizer paradoxal em alguns indivíduos é, ali, um fato consistentemente observável.⁸

Em seu artigo, Ager apresenta indícios (colhidos no mesmo Políbio) de que o estereótipo do cretense desordenado não era (pelo menos não inteiramente) justificável. Ela enumera ocasiões em que houve cooperação entre os cretenses e postula a existência de uma espécie de tribunal que se encarregava de resolver disputas particulares na ilha. Além disso, Plutarco, por exemplo, fala de uma época em que os cretenses gozavam de apreciação bem diversa por parte dos gregos, sendo por eles considerados “sóbrios e temperantes.”⁹ Ainda assim, o que vale ressaltar

⁷ A. W. Mair & G. R. Mair. *Callimachus: Hymns and epigrams; Lycophron; Aratus*. (Loeb Classical Library. Cambridge: HUP, 1989), 37 n.

⁸ Tradução do grego para o inglês realizada por Sheila A. Ager, “Hellenistic Crete and Koinodikion”, *Journal of Hellenic Studies* cxiv (1994), 1.

⁹ Lycurgus 41.d, *Plutarch's Lives*, Editado por A.H. Clough, Projeto “Gutenberg Etext of Plutarch's Lives,” Outubro, 1996.

não é tanto se os cretenses faziam jus ou não à reputação de que gozavam, mas que tal notoriedade existia.

Virgílio, por exemplo, em sua *Eneida*, tenta demonstrar que o povo romano era oriundo de Tróia. Para justificar o domínio universal dos romanos, o épico latino apresenta a fundação de Roma como uma empreitada de guerreiros valorosos, fiéis ao dever, sob a orientação dos deuses.¹⁰ Roma é uma nova Tróia, mas uma Tróia que conquista os gregos sem ser por eles conquistada. Desde sua partida de Tróia até sua chegada ao Lácio, ponto de origem da civilização romana, Enéias sofre muitos infortúnios tanto na terra quanto no mar (“multum ille et terris jactatus et alto”, *Eneida* 1:3). Ele parte de Tróia, costeia a Trácia, chega à Aenéia, viaja até Creta, costeia a Arcádia, atinge a Sicília, aporta em Cartago e, finalmente, chega ao Lácio. Muito interessante é sua chegada a Creta. Segundo Heyworth, “chegar a Creta não é problema algum; mas Júpiter não lhes sorri favoravelmente quando eles tentam se estabelecer ali.”¹¹

Embora os troianos se regozijem com a chegada àquela ilha (*Eneida*, 3:102-105):

102 Então meu pai, revolvendo os memoriais dos homens antigos diz:

103 – Ó nobres, ouvi e consultai vossas esperanças.

104 Creta, a ilha do grande Júpiter jaz no meio do mar,

105 onde fica o Monte Ida e o berço de nossa raça.¹²

Os deuses, contudo, negam a eles o direito de se estabelecerem ali: *mutandae sedes*, “é necessário que mudem daqui” (*Eneida*, 3:161), pois “Apolo Délio não lhes aconselhou essas praias, nem ordenou que se estabelecessem em Creta” (3:161-2). O que Virgílio deseja, aqui, é livrar-se de uma suposta conexão entre os troianos e Creta. Em sua busca dos ancestrais perfeitos para o povo romano não lhe era possível tolerar que se alegasse terem os romanos uma ascendência cretense. Creta não é mais o local do nascimento da raça troiana e tampouco o de Zeus. Talvez um berço, um local de amamentação, mas não o local de nascimento, o ponto de origem.¹³ Para o mundo greco-romano:

archê men dê en panti, malista d'en hidrysei kai ktisei poleôs

¹⁰ A qualidade predominante de Enéias, protagonista da *Eneida*, é *pietas*, termo latino que descreve a fidelidade do herói: seu absoluto senso de dever.

¹¹ S. J. Heyworth, “Deceitful Crete: Aeneid 3.84 and the Hymns of Callimachus”, *Classical Quarterly* 43 (1993), 257.

¹² Tradução nossa, a partir do latim.

¹³ Heyworth, 257.

“o princípio é importantíssimo em tudo, especialmente na construção e fundação de uma cidade”¹⁴

Finalmente, encontramos outra referência à reputação dos cretenses em Clemente de Alexandria. O grande diretor da Escola Catequética de Alexandria era um grego nascido em Atenas e convertido ao cristianismo na juventude. Era tão ilustrado nos mistérios da religião grega que, com muita certeza, pode-se imaginá-lo como um de seus iniciados. Seu grande desafio, como cristão, era lidar com os valores da cultura grega face ao cristianismo, na erudita ambiência da metrópole de Alexandria. Os cristãos, de modo geral, resguardavam sua posição em relação aos elementos culturais gregos, considerando-os como estranhos à esfera judaico-cristã em que se movimentavam tanto o clero quanto a freguesia dos tempos de Clemente.¹⁵

Clemente é o primeiro grande mestre cristão a defender abertamente uma junção dos valores cristãos àquilo que de melhor os gregos tinham a oferecer, e a atmosfera cosmopolita de Alexandria sem dúvida alguma facilitou esse processo. Eventualmente, Clemente será seguido por outros, como, por exemplo, São Basílio.¹⁶ Para Clemente, a filosofia e a cultura grega eram de todo aceitáveis ao cristianismo, conquanto julgasse sua religião como sendo apenas uma forma de superstição ligada às massas, mas nunca aos grandes intelectuais gregos: Sócrates, Platão e outros. Era tão erudito, que se diz que ele aludiu a mais de trezentos escritores gregos da antigüidade, “acerca de quem nada se saberia, não fôra por ele.”¹⁷ É justamente a erudição que o qualifica a fazer um veemente apelo aos gregos para que abandonem seus deuses e se convertam ao cristianismo. Ele, por isso, escreveu seu famoso *Protreptikós*, Exortação aos Gregos. Nele, o mestre de Alexandria faz uso de Calímaco e emprega o *Hino a Zeus* como prova de que os deuses eram apenas homens equivocadamente tomados pelos gregos como sendo seres divinos. Ele declara:

Onde está agora aquela famosa águia? Onde está o cisne? Onde está o próprio Zeus? Ele envelheceu, com asas e tudo... Leda está morta; o cisne está morto; a águia está morta. Buscai o vosso Zeus. Não o procureis no céu, mas na terra. Calímaco, o cretense, em cuja terra ele jaz sepultado, dir-vos-á em seus hinos: “pois uma tumba, ó Príncipe, os cretenses fizeram para ti.” Sim, Zeus está morto... (*Protreptikós*, cap. 2)¹⁸

¹⁴ Plutarco, “Sobre a Sorte dos Romanos”, tradução nossa, a partir do grego.

¹⁵ Jessé Adão Macedo, professor de grego da UFRJ recentemente falecido, defendeu uma tese de mestrado naquela universidade em que mostra, entre outras coisas, como o cristianismo reagiu com veemência ao que chama de “mais ousada incursão do pensamento grego no terreno do cristianismo,” a heresia gnóstica. Cf. Jessé Adão Macedo, “O Antignosticismo de Judas e 2 Pedro”, *Revista Teológica do SALT-IAENE*, v. 2, n. 2 (dez. de 1998), 57-61.

¹⁶ Fernand Boulenger, *Saint Basile: Aux jeunes gens sur la manière de tirer profit des lettres helléniques*, (Paris: Les Belles Lettres, 1965).

¹⁷ G. W. Butterworth, *Clement of Alexandria*, Loeb Classical Library (Cambridge: HUP, 1982). p. xiii.

¹⁸ Traduzido do grego para o inglês por Butterworth, op. cit., 79.

A dificuldade de Clemente, ao fazer uso do hino de Calímaco é que, para fazer válido seu argumento de que Zeus era um cretense a quem os habitantes da ilha haviam inclusive erigido um túmulo, ele precisa desqualificar a declaração calimaqueana de que os cretenses eram mentirosos. Mas como fazê-lo sem, com isso, ferir a asserção paulina de que os cretenses faziam jus à reputação?

De novo, retornamos à atmosfera de dúvida do hino. Para Hopkinson, “Zeus pitorescamente chamado de *páter* durante a discussão de seu próprio nascimento, é indagado não acerca de que facção está dizendo a verdade, mas sobre que nação está mentindo.”¹⁹ A resposta é “os cretenses são sempre mentirosos.”

Passando por alto o sentido pejorativo que pode ser emprestado ao verbo *tektainomai*, que, de acordo com Hopkinson, “pode-se referir tanto a construir quanto a forjar,”²⁰ Clemente resolve o problema com um artifício simples: contrariamente a tudo o que se sabe de Calímaco, ele faz do poeta nascido em Cirene um cretense.²¹ Para Clemente, o mentiroso é, portanto, o próprio Calímaco. Dessa forma, ele confirma o que Paulo havia declarado: que os cretenses eram mentirosos; e, ao mesmo tempo, desqualifica o que Calímaco havia dito acerca do túmulo de Zeus, isto é, que este era uma fabricação. Essa estratégia é corroborada pelo próprio tratamento que o teólogo de Alexandria dá à poesia como um todo: “a poesia se ocupa inteiramente daquilo que é falso” (*Protreptikós*, cap. 7).²² Este capítulo mesmo em que Clemente discorre acerca do testemunho da poesia, é um dos mais curtos de sua obra – ou seja, tal testemunho – para o padre – não é de todo confiável!

Apesar de usar esses dois artifícios, a saber, tornar Calímaco um cretense e fazer uma leitura mais amena do sentido de *tektainomai*, Clemente ainda esbarra em uma outra dificuldade que parece lhe ter escapado. Está claro a quem a indagação sobre a origem de Zeus é dirigida (por causa do vocativo *páter*),²³ mas não se pode estar seguro sobre quem responde a pergunta: será Epimênides (de quem a citação é tomada), o próprio Calímaco, ou o mesmo Zeus a quem ela é dirigida. Heyworth acresce que, se a pergunta é respondida por Zeus, então temos um paradoxo, pois se

¹⁹ Neil Hopkinson, 140.

²⁰ Neil Hopkinson. *A Hellenistic Anthology* (Cambridge: CUP, 1988), 123.

²¹ Essa interpretação parece mais coerente do que simplesmente imaginar que o mais culto dos padres da antiguidade tenha escorregado em suas lições de geografia e poesia helenística e aludido equivocadamente a um personagem tão conhecido em Alexandria (onde Calímaco passou grande parte de sua vida), que é mesmo considerado seu poeta mais representativo, como sendo de nacionalidade cretense.

²² Tradução nossa, a partir do grego: *poietikê hê peri tó pseudos tá panta escholemene*.

²³ Meu colega Marcel Widzisz me chamou a atenção, em conversa particular, que, por causa da referência a Ptolomeu Filadelfo, nos versos 84 e 85, e por causa da declaração que o poeta faz, no verso 65 (“quando eu minto, que seja uma mentira que convença os ouvidos dos ouvintes”), a pergunta pode, muito bem, ter sido dirigida a Ptolomeu Filadelfo que tipifica o próprio Zeus no poema. O monarca pode lhe ter encomendado o poema como uma forma de encômio e Calímaco, jocosamente, declara: “já que eu vou ter mesmo que mentir, que pelo menos seja uma mentira verossímil.”

ele é, de fato, cretense, então sua resposta de que teria nascido na Arcádia poderia ser uma mentira cretense!²⁴

À guisa de conclusão pode-se afirmar que o estereótipo do cretense mentiroso e desordenado surgiu e se desenvolveu na antigüidade greco-romana. As causas reais desse fenômeno nos são desconhecidas, contudo pode-se afirmar que, como costuma ocorrer com os estereótipos culturais, sua propagação contou com o auxílio da literatura da época. Nosso objetivo aqui não foi tanto provar que tal estereótipo era equivocado, mas demonstrar seu alto grau de generalização. Contudo, o fato de cretenses serem enumerados em Atos 2:8-11 dentre os povos que participaram do fenômeno espiritual do pentecoste cristão, pode indicar que (1) ou o estereótipo não estava de todo correto e havia, dentre os cretenses, uma certa sensibilidade para a conversão espiritual; ou que (2) o evangelho pregado pelos apóstolos tinha um poder espiritual tão convincente que era capaz de tornar os mentirosos, os preguiçosos e os glutões em conversos espirituais, libertando-os de seu estereótipo cultural. Qualquer que seja nossa apreciação desse fato, nós nos beneficiamos dela, pois descobrir que as pessoas não são tão ruins quanto parecem equivale, às vezes, a descobrir que as pessoas podem crescer e se tornar melhores do que de fato são. Afinal de contas, quem precisa de estereótipos?

²⁴ S. J. Heyworth, op. cit., 257, n. 6.